

Conclusões

Os relatos aqui descritos mostraram que a música e seus elementos podem ser uma fonte inesgotável de recursos no trabalho musicoterapêutico com surdos que fizeram implante coclear.

Durante o processo musicoterápico estabelece-se uma relação de confiança e empatia mútua que permite uma relação autêntica entre cliente e terapeuta, ampliando desta forma a abertura de canais de comunicação.

Ricardo experimentou nas sessões de musicoterapia possibilidades de fazer e ouvir música de uma forma singular e diferenciada daqueles ora denominados de "ouvintes". Ao longo das doze sessões de musicoterapia Ricardo tocou instrumentos musicais, cantou, dançou e brincou, parecendo estar imerso em um mundo sonoro significativo e amplo de possibilidades.

Estes resultados evidenciam que a música é essencial ao desenvolvimento de qualquer ser humano e no caso de pessoas com implante coclear pode ser uma terapia que dê sentido ao mundo sonoro, permitindo que a imersão neste contexto sonoro seja feita de forma gradativa, significativa e prazerosa.

REFERÊNCIAS

- ABDI, S. et al. Introducing music as a means of habilitation for children with cochlear implants. *International journal of pediatric otorhinolaryngology*. 2001, p. 105-113. Elsevier.
- BARATTO, A. C. H.; FERNANDES, J. O.; MARTINS, W. Uma Abordagem Musicoterápica junto à crianças deficientes auditivas. 1998, 77p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Musicoterapia) – Setor de Pesquisa e Graduação, Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba, 1998.
- BARCELLOS, L. R. M. Cadernos de musicoterapia 2. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.
- BRUSCIA, K. E. Definindo Musicoterapia. Tradução de Mariza Velloso Fernandez Conde. 2 ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- HRAC/USP Centrinho. Implante Coclear. Disponível em: http://www.centrinho.usp.br/hospital/profissionais/file/fono_04b.html. Acesso em 28/05/2009.
- LOOI, V.; She, J. The sound of music, as reported by adult cochlear implant users. In: CONGRESSO MUNDIAL DE MUSICOTERAPIA, 12, 2008, Buenos Aires, Musica, Cultura, Sonido y Salud: Resumos. Buenos Aires: Akadia, 2008.
- OLIVEIRA, J. A. A. Implante coclear. Simpósio, Surdez: implicações clínicas e possibilidades terapêuticas. Ribeirão Preto. Disponível em: http://www.fmrp.usp.br/revista/2005/vol38n3e4/6_implante_coclear.pdf. Acesso em 13/05/2009
- MCDERMOTT, H. J.; LOOI, V. Perception of complex signals, including musical sounds, with cochlear implant. *International Congress Series*. (1273), 2004, p.101-104. Elsevier.
- MORITZ, M. Trilhando caminhos para uma nova escuta: a musicoterapia e o usuário do implante coclear. *Rev. Ponto de Vista*. Florianópolis, n.6/7, p. 115/128, 2004/2005.
- KOELSCH at al. Music perception in cochlear implant users: an event-related potential study. *Clinical Neurophysiology*. (115), 2004. p. 966-972. Elsevier.
- The Cochlear Implant Controversy - CBS News. Disponível em <http://www.cbsnews.com/stories/1998/06/02/sunday/main10794.shtml>. Acesso em 29/05/2009

110 - CARACTERIZAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE QUE UTILIZAM A MÚSICA COM OBJETIVOS TERAPÊUTICOS

José Davison da Silva Júnior¹
Leomara Craveiro de Sá²
Maria Márcia Bacion³

RESUMO

Este trabalho originou-se da dissertação de Mestrado em Música/Musicoterapia, aprovada pela Universidade Federal de Goiás, intitulada "Musicoterapia e Bioética: um estudo da música como elemento iatrogênico – A utilização da música com objetivos terapêuticos em diferentes contextos clínicos na área da saúde". Objetivou-se, nesta pesquisa, analisar a prática de profissionais da saúde que utilizavam a música com objetivos terapêuticos. As categorias foram apresentadas com base nas entrevistas semi-estruturadas realizadas com os sujeitos da pesquisa. Este estudo apontou para a necessidade de se implementar ações no sentido de fortalecer cada vez mais o caráter científico da música utilizada com objetivos terapêuticos nos diversos contextos da área da Saúde.

Palavras-chave: Música; Musicoterapia; Profissionais da Saúde; Bioética; Iatrogenia.

ABSTRACT

This work originated from the dissertation of Master of Music/Music Therapy, adopted by the Federal University of Goiás, entitled "Music Therapy and Bioethics: a study of music as an iatrogenic – The use of music with therapeutic objectives in different clinical contexts in health". The objective of this research, examining the practice of health professionals who used the music with therapeutic objectives. The categories were presented on the basis of semi-structured interviews conducted with the subjects. This study pointed to the need to implement actions to strengthen the increasingly scientific character of the music used for therapeutic purposes in different contexts of the area of health.

Keywords: Music; Music therapy; Bioethics; Health Professionals; Iatrogeny.

INTRODUÇÃO

Um dos objetivos específicos de nossa pesquisa de mestrado foi identificar características das práticas de profissionais da Saúde - psicólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, enfermeiros, médicos, odontólogos - que utilizam a música com objetivos terapêuticos no contexto clínico. Foi dedicado um

¹ Musicoterapeuta e Educador Musical; Mestre em Música/Musicoterapia pela Universidade Federal de Goiás - UFG. E-mail: davisonjr@bol.com.br

² Professora-pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Goiás; Doutora em Comunicação e Semiótica - PUC-SP; Musicoterapeuta Clínica. E-mail: leomara.craveiro@gmail.com

³ Professora Titular da Universidade Federal de Goiás, vinculada a Faculdade de Enfermagem; Doutora em Enfermagem pela Universidade de São Paulo - USP. E-mail: mbacion@fen.ufg.br

capítulo a parte para o musicoterapeuta, devido ao fato de este profissional ter uma formação que inclui o estudo científico da música e suas aplicações com objetivos terapêuticos.

Realizamos entrevistas semi-estruturadas e utilizamos a análise categorial temática para análise dos dados. Assim surgiram as seguintes categorias temáticas, relacionadas à utilização da música com objetivos terapêuticos no contexto clínico: 1) padrão de uso da música pelos profissionais da saúde; 2) escolha do repertório; 3) formas de aplicação da música; 4) elemento musical enfatizado; 5) objetivos pretendidos; 6) efeitos da música; 7) prevenção de iatrogenia na utilização da música com objetivos terapêuticos; e 8) referências sobre o tema música nas profissões.

Discussão das categorias das entrevistas semi-estruturadas com os profissionais de saúde

Quanto ao padrão ou frequência de uso da música pelos profissionais da saúde, a música é aplicada como mais um recurso na prática clínica desses profissionais. De modo geral, esta é uma prática comum em todo o procedimento clínico.

Acreditamos que os profissionais da saúde buscam criar um ambiente de maior qualidade para os pacientes, e encontram na música um meio para que isto seja possível. Bergold (2005, p. 12) enfatiza que a utilização da música na saúde é justificada pelo trabalho de humanização, "tendo em vista a Portaria do Ministério da Saúde nº. 881 de 19 de junho de 1991, que institui no âmbito do SUS, o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH)".

A música, ao ser utilizada como mais um recurso e não como o foco da terapia, é definida por Bruscia (2000) como 'música na terapia'. Nesta, a música aparece como pano de fundo, diferentemente de quando se trata de 'música como terapia, em que a música aparece em primeiro plano, sendo o foco principal. A única terapia a utilizar a música como terapia é a Musicoterapia.

O uso freqüente da música pode estar associado a aspectos da própria formação dos profissionais da saúde, segundo os relatos da terapeuta ocupacional, quando se refere ao método Bobath e na formação do profissional acupunturista, citado pelo médico.

Na formação de algumas profissões da saúde é recomendado o uso da música, em decorrência da crença que existe em seus benefícios. No entanto, esta recomendação é baseada no empirismo, pois não existem conteúdos curriculares específicos que tratam dessa temática, ou seja, do emprego da música na saúde.

Em relação à escolha do repertório utilizado na clínica, ela é feita de acordo com as preferências musicais do profissional da saúde, às vezes com base na patologia do paciente, outras tantas no gosto musical do paciente ou, ainda, buscando-se um equilíbrio entre o gosto musical do profissional e o gosto musical do paciente. O tipo de repertório varia segundo o andamento e a intensidade da música, se a música é somente instrumental ou se, além de instrumental, também apresenta letra.

O repertório escolhido pelo gosto musical do profissional é baseado em sua intuição ou preferências musicais. Esses profissionais não têm formação específica em música, por isso atuam de forma intuitiva. Assim, como possuem experiências prazerosas com

algumas músicas, acreditam que o paciente também teria essas mesmas experiências.

Baseados na literatura da Musicoterapia, entendemos que as músicas usadas no contexto clínico devem ressoar com a identidade sonora do paciente. Logo, o repertório não pode estar associado ao gosto musical do profissional da saúde, mas às preferências musicais do paciente.

Às vezes, o gosto musical do profissional é por um determinado tipo de música, e o gosto musical do paciente é bem diferente. Então, ao colocar a música de sua preferência para o paciente ouvir, isto pode tornar-se algo incômodo para ele, provocando-lhe desprazer ou outros sentimentos, o que pode acarretar, em alguns casos, um efeito iatrogênico.

A preocupação quanto à escolha do repertório, a depender do tipo de patologia do paciente, foi demonstrada por profissionais da saúde, sujeitos da pesquisa, que atuam na área de reabilitação (fisioterapeuta e terapeuta ocupacional). Essa preocupação está relacionada ao tipo de música usada para auxiliar nos movimentos durante a terapia. Por isso, elas procuram associar a música à patologia do paciente, mostrando uma preocupação com a qualidade do atendimento.

Há, também, o relato sobre a escolha do repertório com base no gosto do paciente. Nesses casos, as preferências musicais do paciente são conhecidas no decorrer do atendimento ou no pedido pelo paciente de alguma música específica. Inicialmente, devem ser utilizadas as preferências musicais do paciente, considerando-se o Princípio de ISO. Usar o gosto musical do paciente pode ser recomendado no início do tratamento, para estabelecer um primeiro contato, mas com o decorrer do trabalho, em algumas ocasiões, não é usado esse repertório. É preciso direcionar o gosto musical do paciente para algo que seja melhor para ele, terapeuticamente falando, pois esse gosto pode não ser o que ele precisa no momento.

A Musicoterapia reconhece o benefício de se fazer um levantamento da vida sonora e musical do paciente logo no início dos atendimentos – ficha musicoterápica – para que o musicoterapeuta possa ir conhecendo a sua identidade sonora.

Neste estudo apareceu também a intenção de se atender a ambos os gostos musicais – do paciente e do profissional. Os profissionais que se incluíram nesta categoria acreditam que existam repertórios que possam agradar a ambos os envolvidos no processo terapêutico.

Quanto às formas de utilização da música no contexto da saúde, apareceram: canções, improvisações vocais e audição de músicas gravadas. A audição é a forma de maior aplicação da música fora do contexto clínico da Musicoterapia, talvez pelo fato de a música gravada ser mais fácil de se utilizar. Entretanto, acreditamos que, entre improvisar uma música, cantar uma música ou ouvir música gravada, esta última é aquela que tem uma maior probabilidade de desencadear um efeito iatrogênico no paciente, pelo fato de ele estar numa atitude passiva, recebendo de forma mais direta os efeitos fisiológicos e psicológicos que a música exercerá sobre ele.

Os elementos musicais nos quais os profissionais da saúde se baseiam com maior frequência é o ritmo e/ou a melodia. Em algumas falas, esses elementos não foram apontados, denotando o desconhecimento musical do profissional.

A presença do ritmo no relato dos profissionais da saúde demonstra uma

preocupação somente com os seguintes aspectos: se a música utilizada por eles apresenta um andamento mais acelerado ou mais lento, sendo este último o de maior preferência dos profissionais. Entretanto, não se deve considerar apenas o andamento em relação ao ritmo, mas também a duração e a intensidade. Sekeff (2007, p. 43) afirma que "pela duração o ritmo penetra em nossa vida fisiológica e pela intensidade, em nossa vida psicológica".

A fala de um dos profissionais, sujeito da pesquisa, associa a vida a estados afetivos das pessoas. Realmente, a melodia "induz respostas privilegiadamente afetivas" (SEKEFF, 2007, p. 46). A harmonia não apareceu em nenhuma das falas. Isso pode estar relacionado ao fato de os profissionais não terem conhecimento musical específico.

O objetivo terapêutico de tranquilizar, no sentido de favorecer um relaxamento físico, foi identificado nas narrativas. De modo geral, as pessoas acreditam que a música ajuda a relaxar. O senso comum é a associação de música em um andamento lento em uma intensidade fraca com o relaxamento. Outro objetivo terapêutico com esse tipo de música é favorecer o relacionamento com o terapeuta, visando criar vínculo entre terapeuta e paciente. A música, também, aparece como um meio de interação e comunicação entre o profissional da saúde e o paciente. Quando as palavras faltam, a música surge como uma linguagem não-verbal.

A motivação do terapeuta também aparece como um dos objetivos terapêuticos pretendidos. Como a música é uma atividade prazerosa para o profissional da saúde, pois observamos anteriormente que é ele, de um modo geral, quem escolhe o repertório a ser utilizado no setting, ela é usada para motivá-lo como pessoa e como profissional, incentivando suas ações.

Também existe o objetivo de se utilizar a música para auxiliar nos exercícios durante a terapia. Os profissionais da saúde acreditam que música auxilia nos movimentos. Relacionamos este objetivo com a ênfase que é dada ao ritmo, como foi visto na categoria anterior. O ritmo como indutor de movimentos, como nos mostra Sekeff (2007).

Outro objetivo é a melhora da qualidade do ambiente de atendimento. Esta preocupação do profissional da saúde encontra ressonância na política nacional de humanização do atendimento em saúde e também ressonância na valorização do cliente como uma pessoa que merece ser tratada com dignidade. Mostra uma atitude humanista.

Os objetivos pretendidos pelos profissionais da saúde buscam os efeitos fisiológicos e psicológicos da música. A idéia que a música relaxa, estabelece vínculo entre terapeuta e paciente, auxilia nos exercícios e melhora o ambiente de trabalho é esperada pelos profissionais da saúde, tomando como referência experiências empíricas positivas que tiveram com a aplicação da música.

Quanto aos efeitos da música, os profissionais da saúde relataram efeitos alcançados, resultados que perceberam com a utilização da música, ora positivos, ora negativos. Os efeitos positivos e negativos revelaram-se tanto para o paciente quanto para o profissional.

Em geral, foram apresentados efeitos positivos com a utilização da música: efeitos fisiológicos, psicológicos e sociais. No entanto, os relatos não descrevem apenas efeitos positivos. Apareceram, também, os efeitos negativos, ou seja, a música utilizada

tornando-se, possivelmente, um elemento iatrogênico no contexto clínico. Esses efeitos maléficos foram causados, principalmente, por associações à música ouvida, tanto pelo paciente quanto pelo profissional.

Em relação à prevenção de iatrogenia na utilização da música com objetivos terapêuticos, emergiram dois núcleos de sentido, sendo um deles formas para se evitar iatrogenias.

Na fala dos profissionais da saúde, para se prevenir iatrogenias na aplicação da música, deve-se evitar música em volume alto, ritmo em andamento acelerado, impor seus gostos musicais e utilizar música nas quais o paciente faça alguma associação negativa. Esses elementos apresentados estão intimamente relacionados ao que já foi relatado aqui pelos profissionais. O ritmo é priorizado como elemento musical, então é apresentado como um dos elementos a ser considerado como perigoso, caso seja mal empregado. O volume da música ou de outros sons é ponto pacífico dos seus efeitos negativos. Destacamos a dualidade na fala dos profissionais, quando falam em respeitar o gosto musical do paciente, pois os mesmos, na maioria das vezes, afirmaram escolher as músicas segundo suas próprias preferências musicais.

Um segundo núcleo de sentido aponta na direção que não existe a possibilidade de efeitos iatrogênicos. Portanto, não faz sentido falar em prevenção.

Algumas pessoas, que têm experiências positivas com a música e não tiveram oportunidade de presenciar outras pessoas passando por experiências negativas desencadeadas pela música, não imaginam a possibilidade de música causar qualquer malefício. Apesar de um dos profissionais da saúde (psicólogo) não considerar a possibilidade de a música ser utilizada como elemento iatrogênico no contexto clínico, o mesmo profissional atribui efeitos negativos às músicas contemporâneas, como se este estilo de música nunca fosse utilizado no setting terapêutico, atribuindo-lhe um juízo de valor, ou mesmo não o considerando música.

A partir da fala dos profissionais da saúde podemos enumerar como aspectos para prevenção da música como elemento iatrogênico: evitar andamento rápido, evitar música em volume alto e repertório escolhido pelas preferências musicais do paciente. Todavia, não são apenas esses fatores que podem levar a utilização da música a tornar-se iatrogênica no contexto clínico.

Quando o tema iatrogenia foi apresentado no diálogo com os sujeitos da pesquisa houve certa dificuldade para a compreensão do sentido, que foi suprida pelo próprio pesquisador. Por outro lado, houve a expressão de que não saberiam falar sobre o tema porque não tinham conhecimento técnico-científico sobre música ou porque nunca tinham pensado sobre o assunto ou, ainda, porque nem imaginavam que isso poderia acontecer.

Ao discorrermos sobre o tema, percebemos que os profissionais da saúde revelaram o desconhecimento de referência específica sobre o tema. Outros profissionais da saúde relataram o contato superficial sobre o uso da música na sua área de atuação. Apesar de a música ser utilizada como mais uma ferramenta na prática clínica desses profissionais, há desconhecimento de referências sobre o uso da música na saúde. Esta prática está muito baseada na intuição do profissional.

Considerações finais

Percebemos que a utilização da música com objetivos terapêuticos não é exclusivo da Musicoterapia. Outros profissionais na saúde utilizam a música, principalmente com o objetivo de proporcionar bem-estar ao paciente através do relaxamento por meio da audição musical.

Apesar de as práticas dos profissionais da saúde terem em comum a utilização da música com objetivos terapêuticos, elas diferem muito entre si. Precisamos dar, cada vez mais, um cunho científico à prática clínica musicoterápica, para não sermos percebidos como aqueles que aplicam música apenas para relaxar.

Verificamos a intenção positiva nos profissionais da saúde, sujeitos da pesquisa, no emprego da música, o que pode ser percebido na preocupação com o bem-estar físico e psicológico do seu paciente durante os atendimentos. Entretanto, isso pode tornar-se mais positivo se houver ações interdisciplinares incluindo o profissional musicoterapeuta. Faz-se necessário maior conhecimento sobre o uso científico da música, evitando-se o senso comum de que a música só faz bem e serve para relaxar. É importante conscientizar os profissionais da saúde, principalmente, de que a música, apesar de apresentar um potencial terapêutico, é passível de se tornar um elemento iatrogênico se utilizada de forma inadequada.

REFERÊNCIAS

- BERGOLD, Leila Brito. A visita musical como estratégia terapêutica no contexto hospitalar e seus nexos com a enfermagem fundamental, Rio de Janeiro, 2005. 174 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BRUSCIA, Kenneth E. O Desenvolvimento Musical como Fundamentação para a Terapia. In: Info CD Rom II. Concedido e editado por David Aldridge. University Witten Herdecke, 1999. Tradução: Lia Rejane Mendes Barcellos.
- SEKEFF, Maria de Lourdes. Da música, seus usos e recursos. 2 ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

111- Musicoterapia na Gestação: Uma Composição em Três Movimentos. Ana Maria Delabary / RS!

RESUMO

Este artigo apresenta a utilização e a atuação da musicoterapia na fase pré-natal com gestantes que participaram de atendimento em grupo durante seis meses ou mais. Evidencia a evolução das atividades musicais concomitantes com o desenvolvimento da gestação, mostrando aspectos de ambos durante os três trimestres da gravidez. A observação de casos clínicos durante mais de uma década de trabalho nesta área, sob o foco da música, da terapia e da psicopatologia do beb , subsidia este estudo que fala das construções sonoras neste período e dos benefícios dessas vivências para a saúde materno-infantil.

Palavras-chave: Música. Trimestres da gestação. Construções sonoras.

ABSTRACT

This paper describes the employment and effects of music therapy on pre-natal pregnant women who participated in the group care program during six months or more. It renders evident the evolution of musical activities along with the pregnancy development, showing the concurrent aspects of both during the three periods of three months each that a normal pregnancy lasts. The observation of clinical cases during over a decade of work in this area, with the application of music techniques on therapy according to baby's psychopathology underlies this study that speaks of the sound constructions from this period and the benefits these living circumstances allow for the mother's and child's health.

Keywords: Music. Music Therapy. Pregnancy Three-month Periods. Sound Construction.

INTRODUÇÃO

A prática da musicoterapia com grupo de gestantes tem proporcionado observação, estudo e algumas constatações que organizam e tornam dinâmico o processo sempre atento à singularidade do ser humano e, especificamente, às particularidades apresentadas pelas mulheres grávidas. Neste estudo, é mostrado um programa de utilização sistemática da música com a gestante em trabalho preventivo que beneficia a saúde da di de mãe-beb , observando as características próprias de cada trimestre da gestação.

Durante o período gestacional, no processo de musicoterapia desenvolvido com mulheres que freqüentaram o grupo durante seis meses ou mais, percebe-se uma trajetória das vivências musicais paralela ao desenvolvimento da gravidez. Ao final, essas futuras mães têm toda uma história sonora de sua gestação, com feições próprias, com um fazer musical correspondente às características de cada trimestre, em construção que remete a uma composição com três movimentos.

¹ Graduada em Música / Urcamp, Bagé, RS. Especialista em Musicoterapia / CBM, RJ. Mestra em Educação / PUC-RS. Sócia fundadora da AGAMUSI. Musicoterapeuta na Universidade da Região da Campanha/URCAMP e na Clínica Arte e Saúde.